

Novos rumos para o ensino de cinema

Por *Maria Dora G. Mourão*

Estamos em uma época “privilegiada”, as novas tecnologias aplicadas à produção de imagens e sons são muito estimulantes e nos obrigam a repensar a linguagem do cinema e do audiovisual em geral.

A introdução de sistemas eletrônicos e digitais nos processos de realização audiovisual estabelece variações na gramática do continuum espaço-temporal assim como foi definida pelo cinema tradicional.

A integração entre as novas tecnologias da comunicação e os processos digitais é uma revolução que oferece ao realizador novas oportunidades e plataformas para sua criatividade. Os formatos que dão prioridade à convergência de sistemas de produção (película, vídeo e processos digitais) ampliam seu espaço.

A incorporação de um modo globalizado

de produção, resultante da expansão mundial dos novos sistemas aplicados à indústria do audiovisual, surge como decorrência de novas formas de exibição que estão sendo determinadas pelas redes de satélites e pelo avanço da digitalização das imagens e sons.

Amplia-se a dificuldade de falar em um único mercado e sedimenta-se a idéia de pensar em “mercados” diante da diversidade de demandas de consumo que, num aparente conflito com o modo globalizado de produção, são cada vez mais específicas e diferenciadas. Estamos falando de TV a cabo, de Internet e de TV Interativa que determinam produtos específicos para atender à exibição segmentada.

O cinema está inserido nesse amplo contexto fato este que impõe uma questão: o cinema deve renovar suas estratégias em função da nova realidade?

Expresso de uma outra forma, o cenário mundial que envolve as maneiras como nos comunicamos está mudando rápida e dramaticamente. A multimídia aliada a sistemas interativos é cada vez mais difundida como forma de entretenimento e de informação que se acredita será dominante num futuro próximo.

Será que as novas tecnologias vão mudar o conceito criativo e industrial da realização cinematográfica como nós a conhecemos?

O ambiente digital está, realmente, ameaçando a forma do filme?

Ou, por outro lado, devemos ver isto como um outro estágio na evolução da mesma linguagem audiovisual?

As escolas de cinema e televisão estão diante de um impacto inevitável. Algumas delas já iniciaram o processo de atualização do ensino de cinema aproximando-o dos outros meios de expressão e aplicando a convergência tecnológica para diversificar a produção.

A tendência que se evidencia é a de se proceder a uma profunda mudança na orientação tradicional dos programas de ensino. Isto é inevitável.

Várias são as questões que se colocam:

- estamos prontos - e capacitados - para mudar nossos conceitos acerca do ensino?

- temos uma visão profissional acerca do futuro da indústria do audiovisual, com atenção particular à influência das novas tecnologias?

- o que é este “novo profissional”?

- como fazer para que o estudante entenda seu papel nesse caldeirão intrincado, complexo e sempre em ebulição?

Pensemos nas instituições de ensino brasileiras e em como estão enfrentando essa situação.

Durante o recém criado Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (FORCINE) foi feito um panorama das condições das escolas, do tipo de curso que oferecem e dos resultados a que chegam. De maneira geral a visão foi desalentadora. Se, por um lado, as escolas tradicionais estão à procura de renovação e atualização e os cursos mais recentes lutam para se sedimentar, por outro há um

grande desconforto ao se notar a falta de incentivos e de apoio por parte de políticas públicas que orientem o debate sobre o ensino e a formação profissional na área do cinema e do audiovisual.

Nos últimos anos o descompasso entre o papel da escola e a realidade profissional e tecnológica vem se evidenciando. Se considerarmos a escola como um microcosmo do mundo profissional fica mais fácil entender a situação.

O surgimento das escolas de cinema no Brasil deu-se a partir de meados dos anos 60 acompanhando uma tendência mundial. Na época o cinema de autor ganhava força e os cursos de cinema, na sua maioria implantados dentro das Universidades, seguiam o mesmo perfil. Formavam-se, então, autores -realizadores para os quais o filme se constituía como obra já no momento da cópia final. A divulgação, distribuição e exibição do filme não pertenciam ao trabalho criativo e, portanto, era uma preocupação desnecessária.

Os vários ciclos pelos quais o cinema brasileiro passou foram, de certa maneira, acompanhados de perto pelas escolas. Houve períodos nos quais a produção de filmes curriculares foi muito significativa, com filmes que facilmente se inseriam num contexto artístico-cultural e alunos que, formados, tiveram um papel preponderante na produção cinematográfica.

Os novos rumos de produção determinados pelo avanço tecnológico e a nova configuração do espaço da comunicação audiovisual onde o cinema se insere obrigou as escolas a repensarem seu modelo de ensino.

A escola tem obrigação de desvendar o que está além da aparência, de descobrir o que está encoberto pelo discurso

ideológico, de perseguir o que se apresenta como real e fazer a releitura necessária. De abrir espaço para a experimentação. De propor ao aluno que se aproxime de sua realidade cultural e de orientá-lo no processo de tradução dessa realidade para o gênero e o meio que ele deseje empregar.

Formar profissionais do audiovisual pressupõe conhecer o conjunto de experiências universais a partir do acesso a todas as cinematografias e produtos audiovisuais, e não somente deter-se em indústrias hegemônicas ou na do próprio país. O conhecimento sobre o outro, o exercício de voltar o olhar para além de seu próprio mundo, é fundamental para ter uma visão mais crítica de si mesmo.

E é essa visão crítica que permitirá ao profissional desenvolver a capacidade de expressar-se seja através da idéia de autoria, seja através de um modelo de produção onde as funções técnicas, criativas e gerenciais são bem delimitadas configurando-se, assim, a idéia de equipe realizadora.

No entanto, quanto mais o mundo profissional sofre mudanças e os modelos de produção se adaptam à nova realidade tecnológica; quanto mais se configura a necessidade de formar profissionais que possam atuar nos vários mercados, mais a escola entra em contradição. A marca que o cinema de autor deixou no cinema brasileiro e, por conseqüência, nas escolas, ainda é forte.

Enfrentar essa tradição e abrir espaço para novos modelos de produção é ampliar as perspectivas profissionais para nossos estudantes sem que, necessariamente, fique configurada como a morte do conceito de autor.

O enfraquecimento dos atuais modelos de ensino se evidencia nos filmes e vídeos produzidos recentemente pelas escolas. Se o olhar universal é importante para o desenvolvimento de uma visão crítica, ele tem que estar necessariamente sustentado no conhecimento de si mesmo. É partindo de nossas próprias histórias que poderemos chegar a dialogar ou, por que não, a confrontar as outras cinematografias. No entanto, o que vemos é um olhar interiorizado que, antes de levar a um conhecimento de si mesmo, leva a uma individualidade que derrapa na própria individualidade. As histórias são pouco originais e longe de serem representativas da própria realidade. Copiam-se fórmulas narrativas já sedimentadas sem dar espaço à experimentação, à ousadia, à surpresa. Ou ainda, ao prazer, à emoção e à reflexão crítica.

Há exceções sem dúvida, mas ainda muito pouco. As escolas de cinema continuam sendo um microcosmo da situação do cinema brasileiro.